

**Qualis: a construção de um indicador para os periódicos na área da Educação**

**Qualis: construction of an index for the Education journals**

**Qualis: la construcción de un indicador para los periódicos en el área de la Educación**

Ângelo Ricardo de Souza\*  
Gizele de Souza\*\*  
Ana Lorena Bruel\*\*\*  
Marcos Alexandre Ferraz\*\*\*\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar uma metodologia para avaliação dos periódicos científicos na área da Educação no Brasil. Trata-se de um esforço inicial na direção de discutir aspectos importantes para tal avaliação e contribuir com o debate no processo de elaboração de critérios para o *Qualis* Periódicos da área na CAPES. A proposta aqui desenhada, de construção de um indicador, destaca quatro elementos centrais para a avaliação: Periodicidade/Atualização, Internacionalização, Origem e Distribuição Geográfica dos Autores e Fator de Impacto, com vistas a que possamos avaliar, quantificar, classificar e estratificar os periódicos considerando quão atuais, representativos, internacionais e lidos/citados são.

**Palavras-chave:** Periódicos. Educação. Qualis. Avaliação.

**Abstract:** This article aims to present a methodology for the Education scientific journals evaluation in Brazil. It is an initial effort to discuss important aspects for such evaluation and to contribute with the debate in the process of criteria elaboration for the CAPES *Qualis* Journals. The proposal presented here, to create an index, highlights four central elements for the evaluation: Periodicity, Internationalization, Origin and Geographic Distribution of Authors, and Impact Factor, looking for give conditions to

---

\* Doutor em Educação. Professor e pesquisador do Núcleo de Políticas Educacionais (NuPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: <angelo@ufpr.br>.

\*\* Doutora em Educação. Professora e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: <gizelesouza@uol.com.br>.

\*\*\* Doutora em Educação. Professora e pesquisadora do Núcleo de Políticas Educacionais (NuPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: <analorena.bruel@gmail.com>.

\*\*\*\* Doutor em Sociologia. Professor e pesquisador do Núcleo de Políticas Educacionais (NuPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: <ferrazmarcos@uol.com.br>.

evaluate, quantify, classify and rank the journals considering how current, representative, international and read / quoted they are.

**Keywords:** Journals. Education. Qualis. Evaluation.

**Resumen:** Este artículo tiene por objetivo presentar una metodología para la evaluación de los periódicos científicos en el área de la Educación en Brasil. Se trata de un esfuerzo inicial en la dirección de discutir aspectos importantes para dicha evaluación y contribuir con el debate en el proceso de elaboración de criterios para el Qualis Periódicos del área en la CAPES. La propuesta aquí dibujada, de creación de un indicador, destaca cuatro elementos centrales para la evaluación: Periodicidad/Actualización, Internacionalización, Origen y Distribución Geográfica de los Autores y Factor de Impacto, con vistas a que podamos evaluar, cuantificar, ranquear y estratificar los periódicos considerando cuán actuales, representativos, internacionales y leídos/citados son.

**Palabras clave:** Periódicos. Educación. Qualis. Evaluación.

## Introdução

Este texto tem por escopo apresentar um posicionamento sobre alguns aspectos que podem servir de parâmetro para a avaliação dos periódicos da área de Educação. Este é um primeiro esforço nesta direção, e ainda preliminar, e que objetiva tematizar com a comunidade científica esta questão e apresentar uma proposta inicial para a avaliação das revistas da área de Educação.

O Qualis Periódicos da área da Educação passou por alguns problemas neste último quadriênio (2013-2016). Havia um conjunto de periódicos nacionais com avaliação subestimada. Dentre as revistas internacionais, também tínhamos alguns problemas, especialmente com os periódicos chamados “predatórios”, que, neste caso, apresentavam avaliação superestimada.<sup>1</sup>

No processo avaliativo realizado em 2015, foram observadas várias incongruências e equívocos que alteravam muito o posicionamento de diversas revistas. Em 2016, parte considerável disto foi equacionada, com a revisão das classificações. Mas, ainda restaram problemas com alguns periódicos que foram confundidos, por terem, por exemplo, títulos iguais aos de outras revistas (algumas até descontinuadas naquele momento), e que ficaram com resultado ou sub ou superestimado. Dentre os periódicos internacionais havia classificações superestimadas de periódicos considerados predatórios.

A avaliação feita em 2017, em linhas gerais, corrigiu quase toda a parte residual daqueles problemas. Contudo, restou um problema final: não houve um período de recursos para a avaliação 2017 e os editores almejavam ter a oportunidade de apresentar pedidos de reconsideração.

Tais alterações teriam pouco impacto na avaliação dos programas de Pós-Graduação (PPGs), pois a grande maioria deles não tem a produção concentrada em uma ou outra revista, e os poucos que têm tal condição são devidamente considerados na avaliação da CAPES. Desse modo, a mudança de uma revista B2 para B1, por exemplo, é muito mais importante para o periódico propriamente dito do que para o programa ao qual ele está vinculado. Porém, o esforço dos editores e colaboradores pode ter sido parcialmente frustrado, menos pelo resultado da avaliação e mais pela impossibilidade de apresentar o recurso.

---

<sup>1</sup> Periódicos predatórios “são aqueles que destroem/corrompem o processo de avaliação por pares, o compromisso com a cientificidade, o rigor da pesquisa e as contribuições do sistema de controles cruzados (ao qual Bourdieu se refere)” (MAINARDES, 2015).

De toda forma, o Qualis Periódicos precisa ser revisto. Há algum tempo, temos acompanhado bem de perto esta questão e as definições de critérios e a movimentação das revistas de nossa área nos resultados do Qualis, sendo que, ao que parece, a avaliação da área tem diversos méritos, mas também oportuniza um “jogo”, no qual dada revista pode cumprir os critérios de avaliação, sem, necessariamente, alcançar reconhecimento e impacto científico na área.

### Os critérios do Qualis e o quadro atual da área da Educação

Os espaços de publicação aumentaram significativamente na área de Educação. Em 10 anos, o número de periódicos avaliados saltou de 1.100 para 2.900. O percentual de periódicos nos estratos superiores (A1, A2, B1) é de 35,8% contra 26,2% na trienal passada (2013) e 25,3% em 2010, conforme tabela adiante.

Para melhorar este processo será preciso pensar em soluções práticas e objetivas e que, ao mesmo tempo, reconheçam a qualidade das nossas revistas e façam justiça ao alcance promovido pelo trabalho dos editores, autores e colaboradores. Mas, para tanto, é preciso conhecer a base na qual o Qualis está constituído.

Em artigo publicado na Revista Brasileira de Pós-Graduação, em 2016, a diretora de avaliação da CAPES, professora Rita Barata, apresentou esta base, além de evidenciar outros elementos que compõem o sistema de avaliação de periódicos pela agência (BARATA, 2016). São quatro os aspectos que queremos destacar, justamente aqueles que a Capes determina como obrigatórios a todas as áreas.

O primeiro deles tem relação com a classificação exaustiva, isto é, “cada área de avaliação deverá classificar todos os títulos constantes de sua lista. Nenhum dos títulos listados poderá ficar sem classificação, uma vez que isso significaria a exclusão *a priori* de determinados produtos informados pelos programas” (BARATA, 2016, p. 4). Isso quer dizer que todos os periódicos informados pelos PPGs como veículos de publicação (da produção bibliográfica docente) por meio da Plataforma Sucupira deverão, necessariamente, ser avaliados.

Um segundo tópico importante de ser compreendido é que, no máximo, 50% dos títulos presentes na lista exaustiva informada no parágrafo anterior, excluídos os periódicos classificados como “C”, poderão ser classificados como B1 ou superior (A1 ou A2).

O terceiro aspecto é a definição de que não mais que 25% do conjunto de periódicos podem ser classificados como revistas A (A1 + A2). E, por fim, a quarta regra informa que o estrato A1 tem necessariamente que ser menor que o estrato A2.

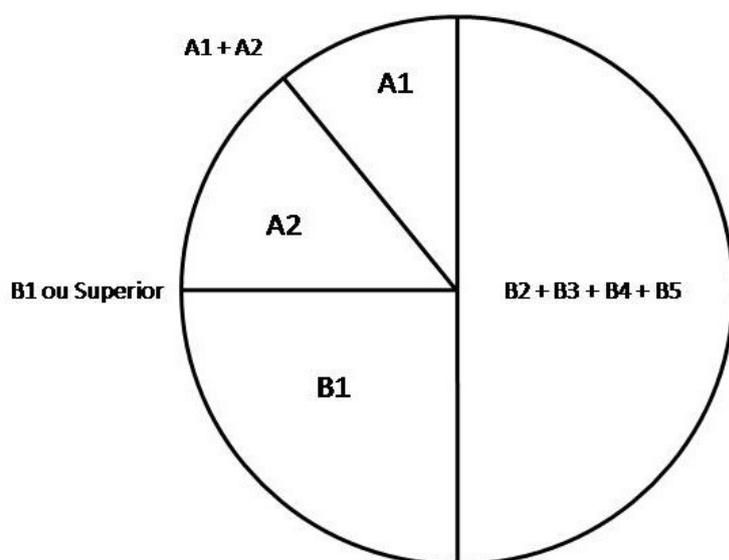
Assim, em desenho potencialmente ideal, temos:

**Tabela 1** - Distribuição potencialmente ideal dos periódicos no Qualis

Total de Periódicos	B1 ou Superior	A1 + A2	A1	12%
			A2	13%
		B1		25%
	B2 + B3 + B4 + B5			50%

**Fonte:** Os autores.

Figura 1 - Distribuição potencialmente ideal dos periódicos no Qualis



Fonte: Os autores.

Isto quer dizer que não procede a ideia de que bastaria um periódico cumprir os critérios que temos definidos atualmente em nossa área para dado estrato que, automaticamente, ele seria classificado nesse estrato. Há esses elementos que estabelecem o regramento geral do Qualis que impactam no resultado da classificação e que são travas definidas pelo sistema.

222

Isto explica o fato de não ocuparmos todos os “espaços” para as revistas dos estratos superiores, pois frente aos nossos critérios atuais, não temos revistas que os cumpram integralmente para tais estratos. Isto é, nossos critérios são definidores *a priori* do que significa uma revista A1 ou A2 ou B1... e, dado que tais critérios são bastante exigentes, não temos revistas em número suficiente que cumpram os critérios para serem classificados em um dos estratos A, por exemplo.

Mas, isto não significa que não poderíamos preencher as “vagas” excedentes nesses estratos com revistas dos estratos inferiores, contudo e para tanto, precisamos mudar os critérios utilizados atualmente. Isto porque nossos critérios não geram uma classificação entre as revistas, eles apenas servem de parâmetro para indicar se dada revista está ou não compatível com o perfil exigido para ser A1, A2, B1... Para preenchermos todo aquele quadro de distribuição ideal, teremos que classificar todas as revistas a partir de um parâmetro único, um indicador, de maneira a possibilitar estabelecer as 12% com melhores resultados que ocuparão o estrato A1, as 13% seguintes que ocuparão o estrato A2, etc.

Vejamos a tabela 2, na qual são informados os resultados do Qualis Periódicos em nossa área que foram utilizados pelas últimas três Avaliações Trienal/Quadrienal.

**Tabela 2** - Evolução dos estratos nas trienais de 2010 e de 2013 e na quadrienal de 2017

Estrato	Triênio 2007-		% Faixas		Triênio 2010-2012		% Faixas		Quadriênio		% Faixas	
	Nº de Periódicos	%			Nº de Periódicos	%			Nº de Periódicos	%		
A1	65	5,7	13,2	25,3	115	5	12,3	26,2	121	4,2	17,2	35,8
A2	85	7,5			170	7,3			380	13		
B1	138	12,1	74,7		322	13,9	73,8		542	18,6	64,2	
B2	138	12,1			378	16,3			425	14,6		
B3	197	17,3			390	16,8			357	12,3		
B4	241	21,2			455	19,7			307	10,5		
B5	274	24,1			485	21			782	26,8		
<b>Total</b>	<b>1.138</b>		<b>100</b>		<b>2.315</b>		<b>100</b>		<b>2.914</b>		<b>100</b>	

**Fonte:** Brasil (2017). Calculado os percentuais das faixas realizado pelos autores.

A tabela mostrou que, excluídas revistas “C”, vimos melhorando na ocupação dos estratos superiores, alcançando em 2016, 17% no estrato A e quase 36% na soma A+B1. Todavia, ainda não distribuimos todas as revistas nesses estratos superiores, porque o nosso Qualis foi construído com a ideia de superação ou alcance de critérios, ou seja e como mencionado, bastaria uma revista alcançar os critérios e ela estaria classificada no estrato equivalente, a despeito de outras também alcançarem este objetivo.

Essa lógica tem nos levado a pensar que a classificação no Qualis não enseja uma competição entre as revistas. Ao contrário, nosso posicionamento individual no sistema dependeria exclusivamente de nosso desempenho diante dos critérios do Qualis da área, a despeito da regra geral do sistema, o que não é absolutamente verdadeiro.

Buscando avaliar consequências sobre este significado, observemos a tabela 3, a seguir.

**Tabela 3** - Evolução das faixas nas trienais de 2010 e de 2013 e na quadrienal de 2017 e diferença entre potencial e real

	<i>Triênio 2007-2009</i>	<i>Triênio 2010-2012</i>	<i>Quadriênio 2013-2016</i>
<b>Total A1-B5</b>	<b>1.138</b>	<b>2.315</b>	<b>2.914</b>
Faixa A potencial	285	579	729
Faixa A real	150	285	501
Diferença	<b>135</b>	<b>294</b>	<b>228</b>
Faixa A1-B1 potencial	569	1158	1457
Faixa A1-B1 real	288	607	1043
Diferença	<b>281</b>	<b>551</b>	<b>414</b>

**Fonte:** BRASIL, 2017 (“faixa real”). Frequência absoluta. Cálculo de percentuais das faixas realizado pelos autores.

Nesta tabela, vemos que temos uma quantidade considerável de espaços a ocupar nos estratos mais altos que, pelo modelo de avaliação que usamos, não temos utilizado. Dez anos atrás, tínhamos espaço para mais 281 revistas na faixa A+B1, chegando a 414 nesta quadrienal. E na faixa mais elevada, das revistas A, cabem ainda 228 revistas, afora as 501 que lá já se encontram, o que representa neste caso, um incremento de 45%.

## Breve nota sobre o fator de impacto (FI)

Sabemos que não há uma única métrica capaz de dar conta de avaliar todos os aspectos de um periódico científico, de maneira a termos condições de afirmar sua qualidade, por isto, é necessário utilizarmos parâmetros diferentes para compreender o alcance, a representatividade e a qualidade de uma revista acadêmica. O indicador, que mais adiante apresentamos, utiliza quatro variáveis para tanto, e o fator de impacto é apenas uma delas.

Há distintas formas de se calcular o impacto de uma revista (STREHL, 2005). De qualquer sorte, a ideia de utilizar esta variável como um elemento para a avaliação de periódicos associa-se ao reconhecimento de que uma revista mais se aproxima de seu objetivo principal quanto mais os artigos por ela publicados chegam ao público leitor, são lidos e são convocados ao debate, sendo citados.

É certo que revistas que publicam em Língua Inglesa têm muito mais chance de chegar aos pesquisadores do mundo todo, dada a ampla utilização desta língua pela comunidade científica internacional. E, com isto, revistas nacionais que publicam fortemente em Língua Portuguesa, como as de nossa área, têm menor visibilidade e, por isto, são menos acessadas, lidas e citadas, logo têm menor impacto.

Outro problema é que em algumas metodologias de cálculo de impacto de revistas, utilizam-se apenas os últimos dois ou cinco anos de publicação. Nas humanidades, isto é um problema, pois o tempo médio de citação de um artigo é muito diferente de outras áreas, sendo que um número muito elevado dos artigos em humanidades não recebe citação nos primeiros cinco anos de sua publicação (STREHL, 2005).

De qualquer forma, mesmo com as críticas, o FI é um elemento que deve ser incorporado na avaliação das revistas acadêmicas em nossa área, porque ele pode ser utilizado combinadamente com outros critérios e auxiliará a termos, de um lado, elementos mais objetivos para tal avaliação e, de outro, trará um aspecto novo para nossos periódicos que é o levantamento sobre quão lidos e citados eles são, portanto, quão se aproximam do objetivo de socialização do conhecimento científico.

Dentre as formas de se calcular o Fator de Impacto, dada a necessidade de termos dados para todos os periódicos em que nossa área publica, no Brasil e no exterior, o *índice h*, do Google Acadêmico, parece ser a melhor opção.

Este *índice h* é obtido pelo número de artigos publicados por uma revista que tenham citações de número igual ou maior a este número. Por exemplo, um *índice h* 8 significa que o periódico publicou, no mínimo, 8 artigos que receberam pelo menos 8 citações cada um.

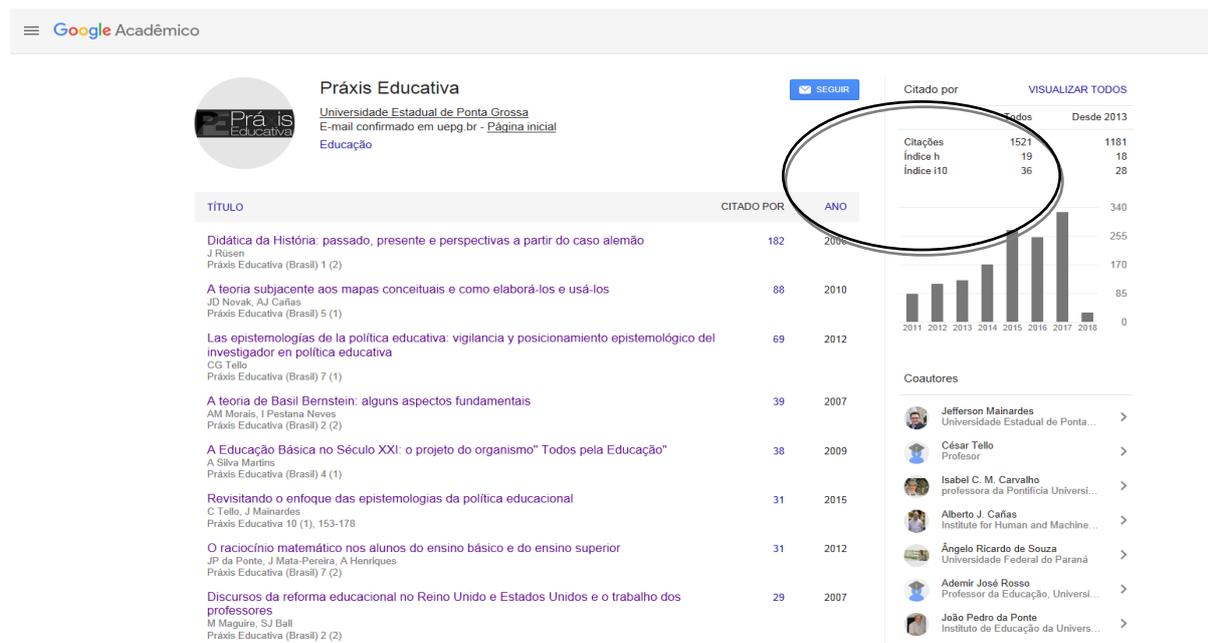
Uma derivação do *índice h* é o *índice h5* que calcula o mesmo índice, mas levando em conta somente as publicações dos últimos cinco anos. Contudo, como vimos, a vida de um artigo em humanidades é muito distinta de outras áreas, alcançando uma temporalidade bem superior, por isto entendemos que devemos utilizar o *índice h* geral e não o *h5*.

Há também índice 10 (*i10*), o qual informa o número de artigos que foram citados pelo menos 10 vezes. Este índice pode referir-se ao período completo ou ao período dos últimos 5 anos. Por ora, todavia, entendemos que é mais adequado, dada a acessibilidade e a compreensão sobre o seu funcionamento, ficarmos apenas com o *índice h*.

Mesmo porque, o *índice h* é relativamente fácil de ser consultado e é gerado pelo Google Acadêmico (Google Scholar)<sup>2</sup>. Para obter este índice, pode-se consultá-lo em “métricas”. Nesta aba, podem ser consultadas as 100 revistas mais citadas (no geral) e podem ser também visualizados os índices de oito áreas (quando se seleciona a Língua Inglesa). O *índice h* também pode ser obtido também por meio do *Harzing’s Publish or Perish*<sup>3</sup> ou ainda criando um perfil do periódico no Google Acadêmico.

A figura na sequência mostra o perfil no Google Acadêmico da Revista Práxis Educativa (UEPG)<sup>4</sup>, onde se pode perceber os dados referentes ao seu fator de impacto.

Figura 2 - Perfil de um periódico no Google acadêmico - 2018



Fonte: <[https://scholar.google.com.br/citations?user=E\\_CdKnQAAAAJ&hl=pt-BR](https://scholar.google.com.br/citations?user=E_CdKnQAAAAJ&hl=pt-BR)>. Acesso em: abril 2018.

## Proposta de construção de um indicador

Para melhorar o processo de avaliação de nossas revistas, será preciso soluções práticas e objetivas e que, ao mesmo tempo, reconheçam a qualidade de nossos periódicos. Dentre tais soluções, avaliamos que devemos construir um indicador (provisoriamente o chamaremos de Índice para o Qualis em Educação – Iqe) que balize a distribuição dos periódicos nos estratos do Qualis. Entendemos que este processo deve se dar em diálogo com o Fórum de Editores de Periódicos na Área da Educação – FEPAE e comunidade científica.

Tal indicador deve conter pelo menos quatro critérios: a) atualização/periodicidade; b) origem e distribuição geográfica dos autores; c) internacionalização; e d) fator de impacto. De

<sup>2</sup> <<https://scholar.google.com.br/>>.

<sup>3</sup> O acesso a esta plataforma pode ser feita por meio do endereço <<https://harzing.com/resources/publish-or-perish>>. A partir deste web site, pode-se fazer o download do software que permite o levantamento dos dados do *índice h*.

<sup>4</sup> Para conhecer mais sobre a Revista mencionada, visite: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>.

maneira que possamos avaliar, quantificar, ranquear e estratificar os periódicos considerando quão atuais, representativos, internacionais e lidos/citados são. Isto implica, por certo, na construção de uma metodologia de cálculo do indicador (definindo critérios e pesos, separando revistas nacionais de estrangeiras, etc.), e, de outro lado, na composição de um grupo de especialistas com experiência na editoração e avaliação de periódicos para a atualização e acompanhamento da base de dados<sup>5</sup>.

Imaginamos que, desta forma, tornamos o processo menos subjetivo, e com alguma estabilidade maior tanto para os autores (docentes e discentes) quanto para os programas de PG e, ao mesmo tempo, possamos ocupar os espaços potenciais nos estratos mais elevados do Qualis.

A necessidade de ranquear os periódicos a partir do indicador se justifica pela intenção de ocupar todo o potencial dos estratos mais elevados com dois objetivos principais: a) superar a existência da diferença demonstrada na Tabela 3; e b) evitar que a classificação Qualis provoque uma cristalização de periódicos nos estratos mais elevados, impedindo que outros periódicos avancem. Assim, uma hierarquização contínua, reconstruída a cada período avaliativo, poderia nos levar a, de fato, ocupar os espaços destinados à Classificação A e B1 com 50% dos periódicos, sem produzir uma imobilidade que não permita aos demais periódicos acessarem estes estratos superiores. Isto será possível na medida em que essa hierarquia será construída a partir das características dos periódicos avaliados a cada período, relativamente ao conjunto avaliado.

Uma possibilidade, em um esforço inicial para dimensionarmos este indicador, poderia alcançar um cálculo como o sugerido a seguir, sempre observando revistas que tenham pelo menos dois anos de circulação, pois isto traria a garantia de que são efetivamente periódicos permanentes. Ademais, tal avaliação deve recair sobre as condições da revista no ano imediatamente anterior ao ano da avaliação, de maneira a termos, com o passar do tempo, uma condição de avaliação anual permanente e, com isto, uma classificação anual do Qualis. Este aspecto, todavia, precisa ser articulado à elaboração do calendário CAPES e de suas diretrizes.

a) Periodicidade/Atualização:

É fundamental que as revistas de maior expressão estejam o mais atualizadas possível. Assim, esta variável depende da resposta à pergunta:

*a.1. A revista está atualizada em relação ao que indica o seu expediente, em termos de periodicidade (semestral, quadrimestral, trimestral, bimestral, mensal, fluxo contínuo) e quantidade mínima de artigos auto-indicada?*

- Sim = 1

- Está com atraso parcial (até um número de atraso ou até 20% dos artigos) = 0,5

- Não (atraso superior a um número ou maior que 20% dos artigos) = 0

b) Internacionalização:

As melhores revistas nacionais devem ser mais internacionalizadas. Isto significa que elas publicam artigos em língua estrangeira e, ao mesmo tempo, publicam artigos de autores estrangeiros. Assim, a avaliação desta variável deve considerar os dois elementos:

---

<sup>5</sup> Este aspecto é muito importante (a composição das comissões de avaliação). Todavia, não é objeto deste texto, ainda que deva ser debatido com a comunidade científica da área.

b.1. *A revista publicou artigos em língua estrangeira moderna?*

- Sim, 20% ou mais dos artigos são em LEM = 1
- Sim, menos que 20% dos artigos são em LEM = 0,5
- Não = 0

b.2. *A revista publicou artigos de autores vinculados a instituições estrangeiras?*

- Sim, 20% ou mais dos artigos são de autores estrangeiros = 1
- Sim, menos que 20% dos artigos são de autores estrangeiros = 0,5
- Não = 0

O resultado desta variável é a média aritmética entre b.1 e b.2:

$$Vb = (b.1 + b.2) / 2$$

c) Origem e Distribuição geográfica dos autores:

Esta variável coloca em questão dois aspectos importantes para considerar se a revista não é endógena. De um lado, observa se os autores advêm de outras instituições afora aquela que publica o periódico e, de outro, analisa a presença mais diversa de autores, considerando as macro-regiões brasileiras.

c.1. *Os autores que publicaram advêm de outras instituições afora aquela que publica a revista<sup>6</sup>?*

- Sim, 90% dos autores ou mais = 1
- Sim, entre 80% e 89% dos autores = 0,5
- Não (79% ou menos são externos à instituição que publica a revista) = 0

c.2. *Considerando o total de artigos nacionais do último ano, em relação à região geográfica do país, de onde são os autores da revista:*

- Eles advêm de 4 ou 5 regiões do país = 1
- Eles advêm de 3 regiões do país = 0,66
- Eles advêm de 2 regiões do país = 0,33
- Eles advêm de 1 única região do país = 0

O resultado desta variável é a média aritmética entre c.1 e c.2:

$$Vc = (c.1 + c.2) / 2$$

d) Fator de Impacto:

O fator de impacto (FI) mensura o quanto os artigos de uma revista são citados, o que tem relação direta com um dos principais objetivos de um periódico científico, que é fazer o conhecimento científico circular e chegar até os pesquisadores, como indicado anteriormente.

Há várias formas de se calcular o fator de impacto como vimos, mas pela acessibilidade, fidedignidade e pela fácil compreensão, entendemos que o *índice h* é o mais apropriado para este fim.

---

<sup>6</sup> Revistas publicadas por entidades ou associações científicas afora Universidades também se encaixam neste critério, pois devem evitar um excesso de artigos dos integrantes de seu corpo diretivo.

f.1. Considerando o índice *b*, qual é o fator de impacto da revista?

- $FI \geq 20^7 = 3$
- $FI < 20 \text{ e } \geq 15 = 2,25$
- $FI < 15 \text{ e } \geq 10 = 1,5$
- $FI < 10 \text{ e } \geq 5 = 0,9$
- $FI < 5 \text{ e } \geq 2 = 0,4$
- $FI < 2 = 0$

Enquanto as variáveis *Vb* e *Vc* advêm de cálculos de média aritmética entre os critérios que as compõem, as variáveis *Va* e *Vd* são expressas pelo resultado direto do único critério que apresentam.

A partir disto, o cálculo final do Indicador (*Iqe*) para basear nosso Qualis é dado pela seguinte fórmula:

$$Iqe = (Va + Vb + Vc + Vd)/6$$

Este cálculo irá gerar um índice que pode variar de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo a 1, representa que a revista melhor cumpre os critérios dispostos.

Como pode ser observado, a *Vd* (Fator de Impacto) representa 50% do indicador, tendo em vista sua importância neste modelo. Ademais, defendemos que, em caso de *Iqe* iguais e necessidade de decisão sobre a classificação das revistas empatadas, o valor absoluto encontrado no *índice b* seja o fator de desempate.

## As revistas estrangeiras

As revistas publicadas em outros países, especialmente em Língua Inglesa, pelo alcance que tal língua tem na comunidade científica internacional, possuem um fator de impacto normalmente mais elevado que as publicadas no Brasil, ou em outras línguas que não o inglês. No Brasil, em nossa área, não temos nenhuma revista que publique a maioria de seus artigos em outra língua que não o português. Isto é, apesar de encontrarmos revistas com vários artigos em língua estrangeira moderna, ou em edição bilíngue parcial, na qual diversos artigos estão em português e em outra língua, nossos periódicos são predominantemente publicados em nossa língua nacional.

Assim, e para evitar uma competição desigual entre os periódicos, entendemos que devemos estratificar as revistas no Qualis levando em conta, pelo menos, a língua na qual ela é publicada. Desta maneira, teremos que ter três listas no Qualis, a de periódicos em Língua Inglesa, as outras revistas estrangeiras publicadas em outra língua que não a inglesa, e as revistas nacionais.

Para a avaliação dessas revistas publicadas em outros países, também teremos que rever algumas das variáveis. Em relação à internacionalização, não faz muito sentido cobrar-lhes o mesmo parâmetro proposto anteriormente. Para as revistas em inglês, sugerimos que todas elas recebam nota cheia (1 ponto) neste quesito. Para as outras revistas em LEM, deveremos considerar apenas o primeiro critério da internacionalização, com uma breve adaptação:

---

<sup>7</sup> Estimamos os valores do FI, produzindo um levantamento das revistas nacionais da área da Educação, por estrato do último Qualis (2016, publicado em 2017). Aleatoriamente buscamos 20% das revistas por estrato, e encontramos as seguintes médias do *índice b*: para as revistas A1, 30,1; para as A2, 15,8; para as B1, 13,2; para as B2, 6,0; para as B3, 4,1; para as B4, 2,3; para as B5, 1,1.

*b.1. A revista publicou no último ano artigos em língua inglesa?*

- Sim, 20% ou mais dos artigos são em Língua Inglesa = 1
- Sim, menos que 20% dos artigos são em Língua Inglesa = 0,5
- Não = 0

O mesmo ocorre em relação à origem geográfica dos autores. Não se aplica aos periódicos estrangeiros o segundo critério desta variável (sobre as macro-regiões brasileiras). Assim, neste caso, caberá analisar a revista a partir da (não) endogenia:

*c.1. Os autores que publicaram na revista no último ano advêm de outras instituições afora aquela que publica a revista?*

- Sim, pelo menos 90% dos autores = 1
- Sim, pelo menos 80% deles = 0,5
- Não (79% ou menos são externos à instituição que publica a revista) = 0

E, para o fator de impacto das revistas em Língua Inglesa, temos uma régua de medida distinta da apresentada anteriormente.

*f.1. Considerando o índice b, qual é o fator de impacto da revista?*

- $FI \geq 45 = 3$
- $FI < 45 \text{ e } \geq 30 = 2,25$
- $FI < 30 \text{ e } \geq 20 = 1,5$
- $FI < 20 \text{ e } \geq 10 = 0,9$
- $FI < 10 \text{ e } \geq 4 = 0,4$
- $FI < 4 = 0$

## O novo Qualis: proposta em debate

Considerando a proposta do Iqe e os aspectos concernentes às revistas estrangeiras, a ideia de um novo Qualis para nossa área passa por calcular o indicador sugerido para todas as revistas nas quais os autores da área da Educação publicaram no ano anterior à avaliação, distribuindo, após o resultado, as revistas primeiramente nas três listas, considerando a linguagem e o país de publicação e, dentre dessas listas, nos estratos do Qualis, considerando a seguinte distribuição percentual.

**Tabela 4** - Distribuição percentual das Revistas considerando sua origem, língua e estratos

	Periódicos Nacionais	Periódicos em Língua Inglesa	Demais Periódicos
A1	12%	12%	12%
A2	13%	13%	13%
B1	25%	25%	25%
B2	12,5%	12,5%	12,5%
B3	12,5%	12,5%	12,5%
B4	12,5%	12,5%	12,5%
B5	12,5%	12,5%	12,5%
Total	100%	100%	100%

**Fonte:** Os autores.

**Nota:** Proposta dos autores.

A distribuição é feita, por certo, ao final do processo, com os cálculos realizados para todas as revistas e, com isto, utilizando, ao máximo, os percentuais possíveis de preenchimento dos estratos do Qualis. Logo as revistas nacionais consideradas como A1 serão aquelas que, ao final do cálculo, se encontrem entre as 12% com mais elevado Iqe. As A2 serão as 13% seguintes. As B1 as 25% seguintes. A soma desses três estratos alcançará 50% das revistas nacionais. Os outros 50% serão divididos entre os estratos B2, B3, B4 e B5, equitativamente, 12,5% para cada um.

A mesma distribuição se dará entre as revistas em Língua Inglesa e os outros periódicos. Logo, é possível (e provável) encontrarmos revistas de uma lista (em inglês, por exemplo), com um Iqe superior a revistas nacionais, mas que acabem sendo classificadas em estratos inferiores do Qualis. E isto nos parece justo, pois estamos comparando, nesta proposta, revistas que são similares e evitando o cotejamento de periódicos que têm, por sua origem e língua, elementos que geram forte desigualdade diante das variáveis propostas, especialmente o FI.

### Considerações Finais

Este texto objetivou apresentar elementos para a construção de um indicador para a avaliação e classificação no Qualis CAPES das revistas da área da Educação. Como já afirmamos, é um primeiro esforço, mas trabalha com a ideia de que deveremos propor uma metodologia objetiva e que reconheça o universo e as regras da avaliação da pós-graduação e dos periódicos por ela utilizados para socializar os conhecimentos científicos, ao mesmo tempo, ampliar as variáveis e as balizas com as quais lidamos no processo de avaliação de periódicos no campo da educação.

Assumirmos esta tarefa nos colocará em condições de intervir nas diretrizes pelas quais somos avaliados, e isto é determinante para termos garantia de que a avaliação se aproxima um tanto mais daquilo que nos parece adequado e justo do ponto de vista do reconhecimento da produção científica.

### Referências

BARATA, R. B. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 13, n. 30, p. 13-40, jan./abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.947>

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório da avaliação quadrienal**. Brasília: CAPES, 2017. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyfGF2YWxpYWVhby1xdWVfcmllbmFsGd4OjFkOWNkNTEwOWU3ZGY3NGM>>. Acesso em 22 mar. de 2018.

MAINARDES, J. **Algumas características das revistas potencialmente predatórias**. 2015. Disponível em: <<https://www.researchgate.net>>. Acesso em: 31 mar. de 2018.

STREHL, L. O fator de impacto do ISI e a avaliação da produção científica: aspectos conceituais e metodológicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 19-27, jan./abr. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652005000100003>

*Recebido em 08/03/2018*

*Aceito em 09/04/2018*

*Publicado online em 13/04/2018*